

# CASA RURAL

## TRADICIONAL

DO CONCELHO DA CHAMUSCA



ANTÓNIO MATIAS COELHO  
1998



Casa da Cultura António Bentes

5-3 S. Brás de Alportel

Biblioteca

Inv. N.º 2225

Cota N.º

Handwritten blue ink scribbles, possibly initials or a signature, located to the right of the word 'Biblioteca'.

ANTÓNIO MATIAS COELHO

C A S A  
R U R A L  
T R A D I C I O N A L  
D O C O N C E L H O D A C H A M U S C A

4<sup>a</sup> edição



CÂMARA MUNICIPAL DA CHAMUSCA  
1998

**Título:**  
Casa Rural Tradicional do  
Concelho da Chamusca

**Autor:**  
António Matias Coelho

**Edição:**  
Câmara Municipal da Chamusca  
Chamusca, 1998  
4ª edição

**Tragem:**  
2000 exemplares

**Fotografia:**  
Foto Romão

**Composição e impressão:**  
Tipografia "A Persistente",  
Chamusca

**Data de impressão:**  
Maio de 1998

**Depósito Legal Nº 123466/98**

A  
*todos quantos viveram (e vivem)  
em casas como esta.*

À memória  
*da Senhora Maria José da Silva Samor,  
companhia permanente e dedicada  
na reconstituição da Casa, em 1986.*



**V**amos visitar uma casa de camponeses  
remediados da Chamusca. Acabou mais um  
dia de trabalho. Já anoiteceu e é Inverno.  
Estamos nos finais da década de 30.

Façam o favor de entrar!





Ao transpormos a porta de entrada, estamos na maior divisão da casa que, neste caso concreto, tem uma dupla função: à esquerda e ao fundo é a cozinha, à direita faz de casa de fora.

É natural que o nosso olhar se dirija imediatamente para a parede do fundo, onde sobressaem duas peças fundamentais da Casa Rural Tradicional: a lareira e a prateleira. Se uma é verdadeiramente o centro deste pequeno mundo, a outra é o seu principal cartão de visita. Lá iremos, para as apreciar mais de perto e em pormenor.



Entretanto, note que todo o mobiliário se encontra arrumado à parede, a toda a volta desta divisão. Não é por acaso: o interior tem de ficar completamente vazio para que as pessoas se possam deslocar com facilidade e rapidez. Ao contrário do que se passa com outros estratos sociais, o homem do campo é extremamente prático e despachado. A organização do espaço onde vive reflecte essa maneira de ser e ajusta-se como convém às suas necessidades.

O chão que pisamos está revestido com cimento. Pode ser assim em casa de camponeses remediados; os mais pobres deixam-no ficar em terra batida; quem pode reveste-o com tijoleira. Se olhar para cima, poderá apreciar a telha vã formando duas águas. Repare também nas paredes, invariavelmente caiadas, sem qualquer tipo de decoração adicional. A toda a volta do interior da casa, em baixo, um pequeno rodapé, que acaba por se tornar decorativo, mais não é do que o disfarce dos descuidos da caiação e uma forma prática de não se notarem os pingos de cal que se desprendem do pincel nessa operação.



Mas comecemos a percorrer, calmamente, esta divisão, seguindo pelo nosso lado esquerdo.

A arca grande da cozinha pode ter múltiplas funções: no seu interior guardam-se as leguminosas e os cereais, se os há, ou então algum colchão sobressalente, em conjunto com os cobertores que se dispensam em épocas de calor. A tampa da arca, que fica alta, serve para a mulher passar a ferro. As famílias mais pobres e numerosas, desde que a tampa não seja arqueada, adaptam-na a cama, para sobre ela deitarem um dos garotos mais crescidos.

Ao canto arrumam-se os alguidares maiores, os que não cabem na cantareira. O maior de todos é muito útil quando se mata o porco, se a família tem posses para o adquirir e engordar e depois para poder prescindir de o vender.



A salgadeira conserva essas reservas de carne, que são a base da alimentação no que a conduto diz respeito. Em boa medida, as posses de uma família podem avaliar-se pelo recheio da sua salgadeira.



Encontramos de seguida um interessante conjunto: a cantareira e a grade. Andam invariavelmente juntas, porque é prático ter os tachos e as panelas perto do cântaro da água. É frequente ver-se nas casas pobres do campo uma cantareira feita com argamassa, a que chamam *piál*. Mas há quem a tenha em madeira, como aqui. Dois cântaros de barro conservam sempre fresca a água que se vai buscar à fonte e que serve para a lida da casa. As mulheres transportam-nos à cabeça, sobre umas rodilhas que elas próprias fazem com tiras de restos de tecido. O alguidar mais bonito, colocado entre os cântaros, dá ao conjunto um aspecto equilibrado. Em baixo, as duas meias portas da cantareira (ou uma cortina, no caso do *poial*) escondem outros objectos menos vistosos, quando não mesmo uma arrumação menos cuidada ou algum tacho por arear. A grade, em madeira, tem a dupla função de manter o trem de cozinha, de esmalte, à mão e à vista: à mão, por razões de ordem prática; à vista, por razões de ordem estética. Todas as peças estão o mais limpas possível, nunca se dependura nada na grade sem se ter tido esse cuidado. A grade se chama também *arameira*, por nela se poderem igualmente dependurar as bacias de arame.





Na raposa, que vai semanalmente à loja, se transporta o avio, na justa medida das necessidades caseiras e da magreza da fêria. Pouca coisa: café e açúcar, algumas meadas de massa, uns bagos de arroz, umas postas de bacalhau, o petróleo para os candeeiros...

Mesmo ao lado da lareira fica a talha do azeite: o calor do fogo impedirá que ele coalhe no Inverno.

Num prego, na parede, repousa o alforge do homem, que contém alguns dos objectos relacionados com o almoço que se levará para o campo: a almotolia do azeite, o saleiro de corno, a cabaça para o vinho e a colher de pau. Note o aproveitamento que se faz de elementos naturais para construir três dos objectos. O almoço será confeccionado amanhã, no trabalho, dependurando-se a panelinha de esmalte numa burra de ferro ou de pau. Essas panelas serão preparadas ainda hoje, a maior para o homem, a mais pequena para a mulher. Lá dentro vai o que se puder levar: duas ou três batatas, um olho de couve, meia dúzia de azeitonas, um pedaço de pão de milho envolto num paninho. Há quem leve uma sardinha ou um naco de toucinho; mas também há quem tenha de se contentar com pouco mais do que "pão e dentes".





E chegámos ao ponto fulcral da casa, o centro da vida caseira camponesa — a *chaminé*, como aqui dizem. É nela que se cozinham os alimentos, dela emanam a luz e o calor, é em seu redor que a família se reúne quando há tempo para conversas, ou simplesmente enquanto a ceia se vai fazendo. É no Inverno, quando os dias são curtos e o tempo chuvoso e frio obriga a ficar em casa, que a permanência junto ao fogo é maior. No Verão, ao invés, o calor, as longas e cansativas jornadas de trabalho e a necessidade de levantar muito cedo no dia seguinte para ferrar ao sol fora, encurtam naturalmente essa permanência. Nessas ocasiões, acontece mesmo o homem acabar por se ir deitar sozinho, enquanto a mulher lava a loiça e a roupa — tarefas que são geralmente executadas fora de casa, numa pequena zona coberta que quase sempre existe em anexo à habitação.



A lareira é efectivamente um local privilegiado. Nas poucas horas que os camponeses passam acordados dentro de casa, quase toda a sua vida, directa ou indirectamente, gira em torno da chaminé. É por isso que a arrumação do mobiliário da cozinha se faz em função dela, quer para um lado, quer para o outro. É por isso que na lareira e na zona envolvente se concentram tantos objectos. É por isso que a mulher tanto se esmera em a manter sempre branca, caiando-a com muita frequência, e todos os dias varre cuidadosamente a cinza para a conservar limpa. A lareira funciona como um lugar sagrado.



Junto à lareira fica a mesa onde se come. A mulher, que é quem serve, ocupa sempre o lugar mais próximo da chaminé; o homem senta-se na outra extremidade; o filho, ao meio. A comida é servida numa saladeira que se coloca no centro da mesa com uma colher de pau por cima. É daí que a mulher serve depois o marido e o filho. Ainda há casas em que todos comem directamente da saladeira. Aqui, cada um tem o seu prato — o do miúdo é de esmalte, para evitar que se parta se cair ao chão, tal como o pequeno púcaro por onde bebe. Cada talher é composto por colher e garfo e há sempre sobre a mesa uma faca de cozinha para partir o pão de milho. Há também uma garrafa com vinho e geralmente algumas azeitonas, retiradas da talha que está sob a mesa.



A prateleira é sempre colocada na direcção da mesa, fazendo conjunto com ela. A razão é evidente: os pratos querem-se próximos da mesa. Porém, na prática, a generalidade da louça da prateleira não é utilizada. Na prateleira, a mulher dispôs a seu gosto as melhores peças que tem, algumas herdadas da mãe e da avó, que estão ali para serem vistas por quem entra. As louças do serviço quotidiano são sempre as mesmas e guardam-se num sítio certo. Mesmo quando há mais alguém em casa, só em último recurso se vai perturbar a paz e o equilíbrio estético da prateleira — verdadeiro *ex-libris* da cozinha e orgulho da sua dona.



Passemos à casa de fora. Frequentemente é uma divisão à parte, fisicamente separada da cozinha, e pouco utilizada no dia a dia. Na casa em que estamos, essa separação não é possível e algum do mobiliário mais característico da casa de fora, necessariamente reduzido, foi disposto entre as portas que dão acesso aos quartos. O restante foi distribuído pelos quartos.

O melhor móvel deste conjunto é o guarda-loiça, que está para a casa de fora como a prateleira para a cozinha. As portas de cima, envidraçadas, raramente se abrem: conservam objectos preciosos, com elevado valor estimativo, que seria uma pena usar no dia a dia. A metade de baixo, pelo contrário, por ser toda em madeira, funciona como armário e é mais utilizada.

Nas casas de fora são muito frequentes as floreiras e há quase sempre uma mesinha. São objectos com funções exclusivamente decorativas. A casa de fora, o *saldão nobre* dos camponeses, não é uma divisão funcional: é um lugar de ostentação.

É sobre a mesinha que se coloca o relógio de madeira, quando existe: certos camponeses, mais pobres, ainda se guiam pelo sol.



Finalmente, não há casa de fora sem um grande quadro, por regra reproduzindo uma cena bíblica. De resto, a generalidade dos quadros que povoam a casa do camponês abordam a temática religiosa, revelando os profundos sentimentos de quem os escolhe para embelezar as paredes e confortar as angústias.

Ah! E, dependurada na parede, uma espiga de milho. Um símbolo de fartura.

Visitemos os quartos. Nesta casa são dois: o do casal e o do garoto de sete anos. Começemos por este último.

Para entrar em qualquer deles, há que afastar uma cortina, aberta a meio para facilitar a passagem, mas sempre caída para não desfazer a privacidade que há que preservar. Ambas as cortinas, tal como as das janelas, são em chita, que é o tecido mais barato que se consegue encontrar. A garridice das cores não é fortuita: as cores fortes são escolhidas propositadamente, por se entender que só elas conseguem transmitir à casa um ar de vivacidade e de alegria.

O gaiato que dorme neste quarto, numa caminha de varão, é mais afortunado do que muitos miúdos da sua idade que têm por leito uma simples esteira estendida sobre bancos. Nas famílias numerosas (e são muitas), há rapazes que vão dormir no palheiro ou noutra dependência anexa, reservando-se os quartos para o casal e para as raparigas.

Ao lado da cama, uma simples cadeira substitui com menos custos a mesa de cabeceira, que é um objecto caro.



Pode parecer estranha a localização da máquina de costura, num quarto, mas não é: ela tem de ficar junto de uma janela, onde chegue a luz da rua. A camponesa, que tem um apurado sentido prático das coisas, organiza o espaço de que dispõem da forma que se lhe afigura mais adequada às suas conveniências.



A mala de porão, que tem uma cortininha por cima, foi o homem quem a trouxe quando casou. Lá dentro, quase nada: aqui é a mulher quem põe a casa, desde a cama ao allinete. Os pais esforçam-se por dar um dote às filhas, não aos filhos. Muitas vezes, o noivo pouco mais leva de seu para além do corpo e do fato do casamento.





A mesinha colocada atrás da cama pertence ao rapaz. É nela que guarda o material da escola e, esporadicamente, os seus brinquedos, os brinquedos que ele próprio constrói. Nem todos os miúdos da sua idade vão à escola: para muitos a infância acaba bastante cedo, quando a necessidade os obriga a iniciar a vida do trabalho. A mingua de recursos não permite o luxo de se desperdiçarem braços por mor da cabeça.



Se atentar nos quadros da parede, verificará que a mãe teve a preocupação de povoar o quartinho com imagens protectoras da infância: o Anjo da Guarda, a Sagrada Família... Para além do evidente efeito ornamental, há uma óbvia intenção prática nesta escolha: em casa, todos crêem firmemente na eficácia do efeito benéfico que as forças sobrenaturais exercem sobre a família, em especial sobre os que de maior protecção carecem.



O quarto de casal merece da dona da casa um cuidado muito especial. É aqui que o casal descansa e vive a sua intimidade. É aqui que se nasce e que se morre. Dir-se-ia tratar-se também de um espaço sagrado.

A cama é, naturalmente, o seu centro. É impecavelmente feita todas as manhãs, porque, numa aflição que haja, a mulher morreria de vergonha se alguém lhe visse a cama por fazer. O colchão recheia-se o mais possível com camisas de milho ripadas: é que a elegância da cama mede-se pela altura que apresenta, quanto maior, mais bonita.

Por regra, a mulher dorme do lado da parede e ao homem é reservado o lado de fora. Embora não o façam conscientemente, o facto é que a disposição do casal é sempre esta em todas as casas. A nosso ver, ela está relacionada com questões de hierarquia sexual, fundada na força física de cada um e, conseqüentemente, no papel que o homem desempenha como protector da mulher: é ao macho, o mais forte, que se reserva a posição mais vulnerável, mais próxima da porta. Há, contudo, uma excepção: quando, como é o caso, existe um bebé que dorme no berço, as posições invertem-se temporariamente: é sempre à mulher que competem todas as tarefas relacionadas com a criação dos filhos, incluindo a de os embalar de noite, quando choram. Terminada a fase do berço, se entretanto não tiver nascido outro bebé, a mulher retoma a posição do lado da parede.



No baú, que a mulher trouxe quando casou, guardam-se as melhores peças de roupa. No baú se conserva o fato de casamento, no baú se deposita a mortalha.

Existe sempre um lavatório com bacia e jarro de louça. Ao contrário do que se possa supor, eles não têm qualquer utilização quotidiana: a cara lava-se na rua, a barba faz-se, de vez em quando, no barbeiro. O lavatório é um objecto destinado a ser utilizado por pessoas ilustres que visitem a casa — o médico, por exemplo, quando alguém adoece. Havendo saúde, o jarro e a bacia podem passar anos a fio sem terem qualquer serventia.





O mesmo se diga da cômoda. Só teoricamente ela é o cantinho da mulher. A camponesa não tem tempo, nem necessidade de muitos adornos, lava-se em qualquer alguidar, penteia-se pelo tacto. Na prática, contam-se pelos dedos as vezes que o espelho da cômoda reflecte a imagem de um rosto camponês durante uma vida inteira. Exceptuando as gavetas, bastante utilizadas por guardarem roupas necessárias no dia a dia, por mais facilmente se abrir uma gaveta do que uma mala, a cômoda é um móvel essencialmente decorativo. É um estendal de coisinhas bonitas, pequeninas, frágeis, de estimação — o altar onde se deposita a melhor fotografia de família ou de um antepassado querido. O bellissimo candeeiro metálico, que se conserva impecavelmente limpo sobre a cômoda, serve apenas nas horas mais amarguradas, quando se velam os mortos. As camponesas que o possuem, muitas vezes herdado das avós, falam dele com o respeito e a superstição que a sua função sugere. O candeeiro é também um símbolo.



A única peça do mobiliário que não se encontra encostada a uma parede é o bercinho, exactamente pela mesma razão que todas as outras têm aquela arrumação — por ser mais prático para a mãe tê-lo ao lado da cama durante a noite, para evitar levantar-se. No berço, uma criança de pouca idade está a começar a aprender o mundo. E a viver os primeiros sonhos, à medida do seu universo. Pela vida fora, ela será agente e testemunha de pequenas e grandes mudanças que inevitavelmente surgirão, fruto das voltas do mundo e do querer dos homens. É bem provável (e desejável) que a sua futura casa seja algo diferente da dos seus pais. E a sua vida também.



Antes de sair, dê uma olhada para trás da porta. Todos os cantos são aproveitados: os vistosos para as coisas bonitas, os discretos para esconder aquilo que não é para ser visto — as alfaias, o cajado, a vassoura e a pá do lixo. Pregada na porta, uma ferradura: embora aparentemente destemido, o camponês vive num mundo cheio de medos e de forças do Mal. A ferradura (outro símbolo) tem também a sua função a desempenhar, que não será das menos importantes.

Notou certamente que uma grande parte da casa rural é ocupada por objectos com funções mais propriamente decorativas do que funcionais. É que, para o camponês, a casa é mais um abrigo e um conforto do que um sítio de estar. O seu trabalho é lá fora, no campo, e não aqui. Portas adentro, ele apenas permanece o tempo indispensável para cear, dormir e pouco mais. As tarefas consideradas menores (como lavar a loiça e a roupa, por exemplo) são executadas fora de casa. A mulher evita macular o espaço onde diariamente se revê, na brancura das paredes, no asseio do chão, no equilíbrio da disposição das suas coisas. A habitação é fundamentalmente um espaço de ostentação, ao seu gosto e à dimensão dos seus haveres.

# AGRADECIMENTOS

## DA FASE DE INSTALAÇÃO EM 1986

- Sr. D. MARIA JOSÉ DA SILVA SAMOR que, com muita paciência e entusiasmo respondeu a inúmeras perguntas e deu preciosos conselhos e sugestões;

- Sr. D. ROSA BORGES GUITA e Sr. MANUEL ELIAS que nos abriram a sua casa e prestaram importantes informações;

- Sr. D. ROSA MARIA (Entre-Águas - Chourol, pelas mesmas razões;

- Sr. ANTONIO FREITAS (Entre-Águas - Chourol, pelas mesmas razões;

- Sr. D. ELVIRA BROQUEIRA DA DONCEIÇÃO, Sr. D. MARIA ELISA CRUZ DUARTE, Sr. D. MARIA MANUELA MOEDAS INACIO e Sr. D. MICHELIA MARIA BILÉU que fizeram os endereços e colaboraram em diversas outras tarefas;

- Sr. D. MARIA MANUEL SALTER CID, pela colaboração prestada;

- Sr. Prof. JOSÉ MANUEL ARRUDA que executou as figuras;

- Sr. Cap. EDUARDO SEMEDO que ofereceu a gravação musical;

- Sr. ANTONIO DINIZ que fez os brindes;

- Grupo O.T.L.86 (Amabel Bento, Helena Matias e Maria Teresa Palatinho) e O.T.L.86 (Luís Filipe Alcoba, Paulo Jorge Laurengo e Pedro Miguel Vazas) que colaboraram na recuperação das peças;

- Pessoal da Câmara Municipal de Chamusca que realizou os trabalhos de adaptação da casa;

- SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DA CHAMUSCA que cedeu, a título de depósito, um número considerável de móveis, peças, vidros, roupas, etc.

- As seguintes pastas que oferecem peças para a Casa Rural Tradicional:

- Sr. D. Adelina Maria Rosa Godinho Rodrigues,
- Sr. D. Adília Rodrigues (Anafe - Chourol),
- Sr. D. Celia Santos Freitas,
- Sr. D. Elisa Teófilo Simões,
- Sr. D. Evira Broqueira da Donceição,
- Sr. D. Evira Passos Laurengo,
- Sr. D. Emília Fereseta,
- Sr. D. Emília Lino Fernandes,
- Sr. D. Graziela Simões,
- Sr. D. Irene Broqueira Conceição Martins,
- Sr. João Fernandes Lino,
- Sr. Joaquim Cruz,
- Sr. Joaquim Mandado dos Santos,
- Sr. Joaquim Parracho (Museu Mun. Benavente),
- Sr. Joaquim Pereira Martinho (Marvila - Chourol),
- Sr. José Lucas,
- Sr. D. Laura de Jesus Rosa Botas,
- Sr. D. Laura da Fidalgo da Silva Samar Godinho,
- Sr. D. Lucovina Matos,
- Sr. Manuel Elias,
- Sr. D. Maria do Carmo Chora,
- Sr. D. Maria Eliza Cruz Duarte,
- Sr. D. Maria Irene Feres Melão (Vale do Cavaleiro),
- Sr. D. Maria José da Silva Samar,
- Sr. D. Maria Manuela Moedas Inácio,
- Sr. D. Maria Odete Santos Valinho,
- Sr. D. Maria Olívia Faustino (Paredeiro Granjeiro),
- Sr. D. Micaela Maria Biléu,
- Sr. D. Rosa Borges Guita,
- Sr. D. Rosa Maria (Entre-Águas - Chourol),
- Sr. Sérgio Carriño,
- Sr. D. Zuzimra Patrícia Guilherme.

- e todas as outras pessoas que ofereceram peças para o Museu Municipal, que se encontram em depósito;

e ainda a quantos tiveram uma palavra de apoio e incentivo durante o período que demorou o nosso trabalho.

**BEM HAJAM!**

## DA INTERVENÇÃO DE 1998

A recuperação e a remodelação da Casa Rural Tradicional foram efectuadas no âmbito do Programa PROSIURB, com o apoio da Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo/ Direcção-Geral do Ordenamento do Território.

Os trabalhos de reposição do recheio da Casa foram efectuados, com rigor e com gosto, no âmbito da POC 1998, por

- *Helena Maria Massa Cabeça Santos,*
- *João Alberto de Mascarenhas Duque,*
- *Marta Judas Mendonça e*
- *Nuno Miguel Agostinho Cabuço.*

Agradecemos ainda a

- *Manuel José Godinho e*
- *Grupo de Dança e Cantares da Chamusca e do Ribatejo que ofereceram peças;*
- *Manuel José Diniz que procedeu à recuperação de algumas peças;*
- *Adelina Maria Rosa Godinho Rodrigues que tratou da reposição das cortinas.*

A todos, o nosso obrigado.

*Para o camponês, a casa é  
mais um abrigo e um  
conforto do que um  
sítio de estar.*

*O seu trabalho é lá fora, no  
campo, e não aqui. Portas  
adentro, ele apenas  
permanece o tempo  
indispensável para cear,  
dormir e pouco mais. As  
tarefas consideradas  
menores (como lavar a loiça  
e a roupa, por exemplo) são  
executadas fora de casa.*

*A mulher evita macular o  
espaço onde diariamente se  
revê, na brancura das  
paredes, no asseio do chão,  
no equilíbrio da disposição  
das suas coisas. A habitação  
é fundamentalmente um  
espaço de ostentação, ao seu  
gosto e à dimensão dos seus  
haveres.*



CÂMARA MUNICIPAL DA CHAMUSCA